

Madrugada, fim de festa

A FESTA

Acho que Edgard Wallace começaria a narrar esta história mais ou menos assim: "Uma loura e uma morena podem possuir muitos objetos iguais, mas há um pequeno objeto de uso pessoal que sempre é diferente; ninguém precisa quebrar a cabeça para compreender que estamos nos referindo aos grampos. Era um grampo de loura aquele que foi encontrado no tapete, perto da lareira, na sala de estar de Donald Stevenson, em Orchard Street. O corpo do proprietário da casa, com uma fenda de tamanho apreciável no occipital, jazia perto do grande relógio de mogno, com os pés voltados para a porta que dá acesso à biblioteca".

Assim eu imaginei um começo de romance de Edgard Wallace. E prossegui compondo mentalmente frases e mais frases que se seguiam, até que o sono me venceu quando o famoso detetive Hoggart fingia amparar as unhas com um canivete enquanto os seus olhos azuis fitavam tão fixamente o grande relógio de mogno como se esperasse que a janelinha se abrisse e um cuco aparecesse.

Da outra sala vinha o chalrear dos convívios da festa; e então eu percebi que o grampo pertencia à senhora loura que estava com um vestido branco. Ela mesma me contava isso, com um sorriso leve, como se me fosse contar uma história engraçada, sem sequer olhar o corpo do milionário a seus pés. Depois ela foi se elevando no ar, e apareceu em pé, enquadrada em uma janela verde. Imediatamente me lembrei do que dissera a mulher de meu amigo: "se sua casa é amarela, plante uma quaresmeira ao lado. Veja como são lindas as suas flores violetas. A sua sombra é fria. Assim você poderá gozar um pouco a fresca, deitada na rede, quando estiver muito corada por causa da sombra de seu "flamboyant".

Depois meu sonho colorido voltou a ser preto e branco. O milionário morto desaparecera e ninguém mais falava no crime, como se nada tivesse acontecido, o que me ataglia. Lembrei-me do tenente Banguera na televisão, e o vi distintamente no retângulo iluminado. Subitamente ele disse um nome de mulher com toda a veemência; era o da mulher loura, que continuava sorrindo. Eu ia dizer que era falso, ele se enganara ou mentia, queria certamente se referir a Maria, mas todos me olhavam com severidade, principalmente dois homens altos de chapéu com olhos de ameaça, olhos de homens armados e pagos para matar.

Manchete - 451

10.12.60

Radio - 9.12.61

M 535

Tive medo, vontade de gritar ou de arranjar uma bomba terrível; mas logo se acenderam as luzes do cinema e suspirei com alívio. Nada daquilo era verdade, fora um pesadelo, e a mulher loura me passava a mão pela cabeça com muita meiguice, dizendo: "eu sou sua amiga, você sabe que eu sou sua amiga, você sabe que eu sou sua amiga". Então alguma coisa estalou. Acordei sobressaltado, olhei à janela, a rua estava deserta, e toda a casa às escuras, pois os convidados tinham partido e me deixado ali. Fiquei triste nesse meu abandono — mas feliz, tão feliz de não haver nenhum drama e eu não estar ao menos por enquanto envolvido nele. "Procedi corretamente", pensei.

E voltei a adormecer

76/8/52

R. B.

Comi uma banana, suspirei e voltei a dormir.

†

de um criminoso me vi

revi

outra,